

## **Mula**

### **Por Walter Tierno**

Quando Zuleica chegou, tornou-se imediatamente o assunto mais falado da vila. O povo comentava sobre suas roupas cuidadosamente cortadas, seus sapatos lustrados, suas sardas, sua pele muito clara e seus cabelos vermelhos. Faziam-no à boca miúda. O pai de Zuleica era um dos mais poderosos coronéis da região. Linda e inteligente, ela era um estorvo para os pensamentos de homens e mulheres. Eles, por desejo, elas, por inveja. Ambos, por medo.

Não existe, entretanto, assunto que dure mais do que aguenta a língua do povo e, dois meses depois de ter desembarcado de seu carro negro e brilhante, Zuleica tornou-se notícia velha. Ainda mais com a chegada do padre Osório.

Jovem e recém-ordenado, Osório tinha um rosto que parecia esculpido. As linhas do queixo e da testa perfeitamente alinhadas. Os olhos brilhantes e atentos. O nariz tinha aspecto forte, reto e bem proporcionado.

Conhecia todos na vila, de onde havia saído alguns anos antes, para ingressar no seminário. Tinha um sorriso perfeito, o qual distribuía generosamente. Apertava a mão de todos. Andava confiante, à vontade dentro da batina negra e impecavelmente tratada. Ralhava sem pestanejar com qualquer caboclo que flagrasse andando fora da linha, mesmo que o pobre tivesse o dobro de sua idade. Era respeitado em sua autoridade de guia espiritual.

Zuleica voltou à boca do povo quando se envolveu com Osório.

Em uma vila tão pequena, a notícia não demorou a chegar aos ouvidos do coronel, que, dizem, morreu de desgosto no mesmo momento em que seu funcionário mais fiel lhe fez a terrível revelação.

Mas verdade seja dita, o coitado morreu antes de ouvir da sem-vergonhice da filha. O que o levou para o outro mundo foi o consumo prolongado e descontrolado de açúcar. Durante o enterro do velho, o povo chegou a ficar constrangido com os olhares de paixão, consolo e dor que Zuleica e o padre trocavam por cima do caixão.

•••

Dona Zá tinha sangue da terra. O falecido marido era filho de além-mar. Embora tivesse abraçado a religião que viera de fora e agisse como se fosse a mais devotada das cristãs, dona Zá manipulava forças que seu inocente filho padre não seria capaz de imaginar, muito menos aceitar. Qualquer um poderia se perguntar por que uma bruxa se esforçaria tanto para enviar um filho ao seminário. Para entender a resposta, bastaria espiar o cofre que se enchia com o recolhimento diário do dízimo.

Dona ZÁ, no dia do enterro do coronel, viu como o conforto que tinha conquistado através do filho poderia terminar repentinamente, perdido nas sardas da filha do falecido. Depois do serviço funerário, ela inquiriu o filho, mas só obteve uma resposta irritada e esquiva.

Decidiu dar cabo da situação naquela mesma noite, após a última missa. Invocou poderes com os quais há muito ninguém se metia e jogou sobre a ruiva uma maldição que seria a ruína de muito mais gente do que calculara a velha.

•••

Zuleica acordou no meio da noite. Uma dor insuportável. Não fazia muito que recebera conforto de Osório, que discretamente se recolhera à capela.

Suas costelas estalaram. Sentiu-se esticar, torcer, desencaixar e coçar. O corpo mudou. Mudou muito. Ela tentou gritar, mas nenhum som saía. A transformação acelerou e, com ela, veio a dor. Muita dor. Seus braços esticaram e ela perdeu o equilíbrio. Caiu sobre as mãos. Não eram mais mãos. A transformação prosseguiu e ela desmaiou várias vezes, em agonia.

Tornou-se uma mula. Mas a transformação não estava completa. Uma faísca soltou-se do pescoço. Calor. Muito calor. As labaredas acariciaram o rosto e comeram sua carne, os cabelos, os olhos. O fogo consumiu toda a cabeça de Zuleica e tomou seu lugar. Os cascos da mula também acenderam.

Ela saiu correndo da casa, atropelando vasos, enfeites, móveis e empregados, que haviam levantado quando ouviram os cascos baterem no chão de madeira. O fogo que era a cabeça de Zuleica resvalou as cortinas. A casa do coronel ardeu e veio abaixo tão rapidamente que levou consigo os empregados, acordados ou não, a mãe de Zuleica, o irmão caçula e dois cachorros.

Ainda agonizando de dor, a mula correu pela cidade. Era tão rápida que não passava de um risco flamejante. Chegou em poucos segundos à igreja onde dormia seu amante. Derrubou a porta com os cascos dianteiros, foi até o altar e esfregou a cabeça em chamas em tudo quanto foi canto, espalhando o fogo que consumiu a igreja e, com ela, Osório. Ele nem mesmo acordou. O fogo da cabeça de Zuleica era faminto e rápido em sua destruição. Depois, a mula saiu correndo pela noite. Uma faixa de fogo ricocheteando pelo cenário sertanejo.

•••

Na manhã seguinte, Zuleica acordou deitada sobre o chão da caatinga. Lembrava-se de tudo que havia feito. Da agonia e da dor que a fez correr e destruir. Estava nua e suja e assim ficou durante todo aquele dia, encolhida, chorando. À noite, a dor e a corrida repetiram-se. Na seguinte, também. E em todas as outras que vieram depois.

•••

A moça de pele branca e cabelos negros, esvoaçantes – a despeito da falta de vento – bateu à porta de dona ZÁ. Poucos prestaram atenção à sua chegada na vila. Fazia um bom tempo que ela havia aprendido a escolher quando queria chegar de forma espalhafatosa ou discreta.

Dona ZÁ abriu a porta e praticamente puxou a visitante para dentro de casa. Choramingou por duas horas a perda do filho. Tinha ainda outro filho, mais novo, e três meninas. Osório era, assumidamente, seu preferido. Mesmo sem intenção, acabou esgotando a paciência de Cira, e essa é uma virtude que ela nunca teve de sobra.

Cira não perdeu muito tempo com sermões.

— Foi uma idiotice sem tamanho a que fizeste. Por quê?

— A desgraçada estava seduzindo meu filho.

— E daí? Era um homem e, pelo que sei, muito bonito.

— Era um padre.

— E justo tu com essa conversa? Nem és cristã.

— As pessoas comentavam.

— Que comentassem. Bastava um de teus milagres e esse povo seguiria teu filho sem saber nem como nem por quê. Agora é tarde.

Dona ZÁ fungou.

— Pode ajudar? Não é bom criaturas de fogo andarem por regiões secas — choramingou.

— Isso é verdade. Antes mesmo de receber tua mensagem, ouvi histórias desta criatura, provocando incêndios pelos sertões, matando gentes e bichos. O rei calango está descontente.

— Tu és poderosa. Só tu e teu pai podem parar essa menina sem cabeça.

Cira bufou.

— Vou limpar tua sujeira. Mas não sairá de graça. Um dia, virei buscar minha paga. E tenhas consciência de que a coletarei mesmo que tu não estejas viva.

•••

A noite estava clara e estrelada. Cira mexeu as pernas para espantar a dormência, mas não arredou pé de seu posto. Viu quando uma claridade discreta, perdida no horizonte, cresceu rapidamente e tornou-se uma fogueira viva, que se aproximou célere.

A primeira armadilha que Cira armou no conhecido caminho da mula, uma rede presa entre dois postes de madeira, foi destruída instantaneamente. Porém serviu a seu propósito, diminuiu a velocidade da criatura. Cira laçou o pescoço da mula, poucos centímetros abaixo de onde começava a fogueira, com uma tira feita do couro de Norato. Ouviu-se um grito feminino horrendo. Cira não se abalou. Segurou firme a tira, enquanto era arrastada pelo solo árido da caatinga. Fora inteligente em proteger o corpo com roupas de couro reforçado, típicas dos bandoleiros sertanejos.

A velocidade da mula diminuiu. As roupas de Cira rasgaram-se e sua pele começou a se ferir. Estava com os braços nus e sangrando quando a criatura finalmente parou. O fogo que era sua cabeça pulsava e soltava faíscas.

Cira começou a cantar em uma língua esquecida, ensinada por sua mãe. Falava sobre maravilhas passadas e vindouras. Mentiras sobre o que nunca foi e enganos sobre o que nunca seria.

A mula acalmou-se. Pingos flamejantes caíam da cabeça em chamas e criavam pequenas fogueiras no chão.

Cira aproveitou para subir no lombo da infeliz.

Zuleica começou a correr. Para leste. A velocidade aumentou. Muito mais do que em qualquer outra noite em que correria pela caatinga, espalhando destruição e morte. Os cascos faiscaram no chão. Cira ia deitada sobre o lombo, a cabeça baixa, evitando o fogo que um dia fora uma linda cabeça.

A velocidade aumentou e os cascos não mais batiam no chão. A mula alçou vôo. Atravessaram os céus do sertão, riscando-o com fogo, dor e paixão morta. Naquele ano e em vários outros posteriores, uma seca jamais vista por olhos humanos desceu sobre o nordeste do país e colheu sua cota de vidas.

A mula voou até o mar, onde mergulhou sem hesitar. O que Cira puxou para fora da água foi o corpo branco, sardento e de cabelos ruivos de Zuleica.

Enterrou-a na praia.

•••